

# Jornais advertem para os riscos do Brasil

'New York Times' e 'Financial Times' publicam análises sobre economia do país

João Ximenes Braga e  
Cassia Maria Rodrigues

Correspondentes

● NOVA YORK e LONDRES. A vulnerabilidade da situação econômica do Brasil foi assunto de destaque das edições de ontem do "New York Times" e do "Financial Times". Sob o título "O Brasil paga para proteger sua moeda, e os pobres ficam com o verdadeiro custo", a reportagem de duas colunas no alto da primeira página do NYT, com continuação de página inteira na seção internacional, o texto assinado por Roger Cohen, de São Paulo, diz que o país está numa guerra para não se tornar a próxima peça no efeito dominó da crise dos mercados asiáticos.

Em tom similar, o "Financial Times" fez, em extensa análise, um paralelo entre as situações do Brasil e da Rússia, cuja leitura deixaria preocupado qualquer investidor estrangeiro. Publicados em separado na seção Comentário e Análise, ao lado do editorial, os artigos traduzem incertezas em relação ao futuro das duas economias. Embora reconheça os esforços dos respectivos Gover-

nos, o maior jornal de negócios da Grã-Bretanha afirma que Brasil e Rússia ainda estão vulneráveis à crise asiática.

"Abatendo o furacão" é o título que liga a América Latina ao Leste da Europa, no FT. O subtítulo não é menos desencorajador do que as previsões do jornal: "Duas grandes economias emergentes estão se esfalfando para escapar do resfriado asiático".

### NYT: FH paga preço político do Real com popularidade

A reportagem do "New York Times" menciona que no Brasil "a crise da Ásia significou juros altos e perda de empregos. Muitos brasileiros que estavam comprando carros ou fogões a crédito não podem mais fazê-lo porque os esforços para atrair capital internacional empurraram os juros para perto de 40% ao ano. Dezenas de milhares de funcionários públicos foram demitidos, milhares de trabalhadores da indústria automobilística se tornaram inativos, e o presidente Fernando Henrique Cardoso está pagando o preço político: uma pesquisa de um jornal local mostrou sua po-

pularidade cair em 50% pela primeira vez".

O NYT cita críticas aos acordos com o FMI para garantir a abertura do Brasil ao mundo e investimento recorde de empresas estrangeiras no país da ordem de US\$ 16 bilhões: "Mas os mercados internacionais se mantêm preocupados com o déficit e a moeda tida como supervalorizada em 15%. O Brasil parece um caso de risco financeiro. Tem moeda supervalorizada e recessão a caminho enquanto se aproxima das eleições", diz Jeffrey Sachs, chefe do Harvard Institute for International Development".

Por sua vez, o "Financial Times" diz que o Brasil comandou uma defesa exemplar contra os especuladores. Em outubro, lançou mão de US\$ 8 bilhões das reservas para defender o real, dobrou as taxas de juros para mais de 40% e baixou rigoroso pacote fiscal para arrecadar R\$ 20 bilhões. Contudo, o preço a pagar é alto, lembra o FT. O crescimento econômico do país caminha a passos lentos. A previsão é de 1% este ano, contra estimativa de 3,5% no ano passado. Além disso,

o desemprego registrado em 97 foi o maior dos últimos cinco anos, e a tendência é de crescimento acelerado. "Os especuladores deram trégua ao Brasil em dezembro, mas a economia ainda não se desvinculou dos eventos da Ásia", alerta Paulo Leme, da Goldman Sachs de Nova York, ouvido pelo jornal londrino.

### País continua vulnerável a uma nova crise de liquidez

Para o FT, a economia brasileira enfrenta problemas que podem minar a confiança externa. Como a Rússia, a principal fragilidade está nas finanças públicas. O déficit orçamentário foi de 6% do PIB em 96, e é provável que tenha ficado em mais de 5% em 97. No front externo, o déficit público cresceu para 4,3% do PIB em 97. Isso indica que o ritmo lento reduzirá as importações e o Brasil precisará tomar emprestado cerca de US\$ 45 bilhões este ano. "Esses déficits podem deixar o Brasil vulnerável se uma nova crise de liquidez afetar os mercados emergentes, não importa que ela comece na Ásia ou resulte de ampla correção em Wall Street". ■